



CAXIAS E A GUERRA INSURRECIONAL FARRAPA

Major HERNANI D'AGUIAR
Instrutor da ECEME

Palestra pronunciada na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em comemoração à SEMANA DE CAXIAS.

SUMÁRIO

1. PROÊMIO

- a) INTRODUÇÃO
- b) PROCESSO LIBERTÁRIO DA AMÉRICA LATINA

2. A REVOLUÇÃO DE 1835 — 1845

- a) EVENTOS ATÉ CAXIAS
- b) CAXIAS

3. EPILOGO

- a) FARROUPILHA COMO GUERRA INSURRECIONAL
- b) CAXIAS: PARADA E RESPOSTA À INSURREIÇÃO
- c) EXALTAÇÃO

1. Proêmio

a) *Introdução*

Das formas de guerra continuam empolgando o pensamento militar universal:

- A Atômica
- A Insurrecional.

esta última, em particular, no seu moderno aspecto revolucionário.

A Guerra Atômica escreveu na História duas páginas breves, apesar de decisivas: HIROSHIMA e NAGASAKI. E isto foi tudo. Não há experiência anterior nem qualquer outro fundamento concreto. A doutrina que está sendo elaborada repousa em hipóteses, assenta sobre prognósticos — é toda futuro.

A Guerra Insurrecional, ao contrário, carrega consigo um enorme acervo de experiência: viveu com os maiores guerreiros da antiguidade oriental; testemunhou as derrotas infligidas pelos Partos, por VIRIATO e SERTÓRIO aos romanos (os maiores soldados da antiguidade clássica); nas patas alígeras dos corcéis hunos e mongóis assolou a EUROPA e flagelou o mundo medieval; entrou pela Idade Moderna corporificada pela Revolução Francesa e fez eclipsar a estrela do maior general de todos os tempos nas glebas ibéricas; agora, em plena Idade Contemporânea, rediviva, remoçada, enriquecida, com novas características — mais ambiciosa, perigosa, psicológica, sinistra.

Por essa razão está sendo profundamente estudada pelos organismos militares das nações.

Foi passado. É presente. Será futuro.

No Brasil essa forma de guerra vem recebendo dos altos escalões das Forças Armadas a prioridade que merece. E, ao ingressar nesse importante setor, NOSSO PAÍS é mais do que mero espectador porque colabora com vasta experiência. A História Pátria registra inúmeros exemplos de Guerra Insurrecional. Temo-la presente nas Lutas contra os holandeses, nos choques emboabas, nas tropelias dos Guaicurus e Paiaguás na calha do Rio Paraguai; presente na Balaiada, nas cavalgatas do Barão do Jacuí, na Campanha de Canudos; presente no Contestado, na Revolução de 1893, na longa marcha da Coluna PRESTES, e — deixamo-la propositalmente para o fim — presente na EPOPEIA FARROUPILHA DE 1835 — 1845.

Esta Revolução servirá de "background" para a homenagem que prestamos a Caxias neste 158º aniversário do seu nascimento.

b) *Processo Libertário da América Latina*

O mapa da América Latina apresenta diante da dezena de países de "fala espanhola" o bloco uno, coeso, indiviso do Brasil. A explicação dêsse fenômeno geográfico pode ser encontrada no processo libertário ocorrido com uns e outro.

É que os descendentes dos espanhóis, antes mesmo de se haverem emancipado politicamente, haviam rompido com seus colonizadores, em virtude do sistema colonial por estes adotado, que os oprimia e explorava. "E por isso quando pensaram em se organizar politicamente, não tendo príncipes de sangue, buscaram chefes de prestígio pessoal e, em vez de regimes fundados na tradição, preferiram instituições em que a

autoridade decorria da vontade do povo e podia recair, indistintamente, sobre qualquer cidadão. E a história americana foi se fazendo aqui mesmo, original e impetuosa, copiando dos largos e dilatados horizontes que a emolduravam êsse anseio insopitável de liberdade, essa flama de individualismo que são as arestas mais vivas do caráter americano”.

Tôda a tentativa de erigir império falhou com Iturbide, Maximiliano, Dessaline; os grandes libertadores como Bolivar, San Martin, Sucre e O'Higgins foram impotentes para disciplinar e organizar as nações que auxiliaram a tornar soberanas.

No Brasil, o problema apresentou nuances diferentes — um governante português viu-se forçado a transmigrar, com sua família e côrte, para êste lado do Atlântico, criando condições bem diversas das vividas pelas demais colônias latinas. O Brasil elevado a Reino Unido a Portugal e Algarves passou a ser, em verdade, a sede da Monarquia Portuguesa. Quando D. João retornou a Lisboa, deixou um Brasil que, em menos de três lustros, recuperara 30 anos de sua vida colonial. Apresentava êle uma maturidade política que, compreendida, perfeitamente, pelo monarca, levou-o, num lance assaz inteligente, a entregar ao seu jovem, romântico, nobre, corajoso, embora irrequieto filho, o papel de líder da emancipação brasileira que por isso mesmo prescindiu de uma espada ambiciosa e pôde ser levada a cabo sem grande efusão de sangue.

Mais tarde, o Povo Brasileiro ficou tutor e fiador de Pedro de Alcântara — O órfão da Nação — e num exemplo extraordinário e pouco freqüente, dêle cuidou com desvêlo e carinho até entregar-lhe, intata, a coroa imperial.

Mas, para que isso pudesse ser conseguido, foi necessário fazer abortar alguns atentados contra a Unidade Nacional.

Não existe País que se constitua milagrosamente sem lutas. Nunca houve Nação que se formasse coberta de flôres. As nacionalidades se constróem sofrendo, combatendo, pelejando e derramando sangue.

Entre os edificadores da Nação Brasileira agiganta-se, avulta, cintila o nome de Caxias. Caxias, que assistiu aos seus primeiros passos, que teve na manutenção da Unidade e da ordem os dois grandes “desiderata” de sua vida. Caxias que, no dizer de Borman,

“Se fôsse um ambicioso, com seu prestígio e glória, poderia ter sido Cromwell para mais tarde transformar-se em Bonaparte...”

Dentre todos os perigos porque passou a Integridade Territorial Brasileira o maior foi, sem dúvida, o provocado pela Revolução Farroupilha, com a conseqüente República de Piratini e a tentativa de alastrar à vizinha Província de Santa Catarina (Proclamação da República Juliana) o movimento que tinha por proscênio o Rio Grande do Sul.

"Mutatis mudantis" foi a nossa Guerra de Secessão e, como ela tornou-se uma Guerra de União, retemperando nas pelejas a fibra guerreira dos rio-grandenses e reavivando-lhes o espírito de brasilidade.

2. A Revolução de 1835 — 1845

a) *Eventos até Carias*

Forte rivalidade política existia no Rio Grande entre os conservadores, caramurus ou retrógrados de um lado e liberais ou farroupilhas, do outro. Nas mãos fracas do Presidente Fernandes Braga, a administração local relaxara as rédeas do governo e era acusada de reacionária. Outros motivos avultavam como os impostos pesados, as cicatrizes ainda recentes da desastrosa Campanha de 1828, principalmente no que concernia às cumeiras por questões de comando.

Ouçamos o que a êsse respeito nos conta Walter Spalding:

"O rio-grandense vivia de armas às costas, espada na mão, o pé no estribo, defendendo o Brasil contra o estrangeiro. Ao primeiro grito de alarma, quem primeiro corria eram os filhos da Província, os gaúchos. Eram êles que davam o sinal de rebate, a primeira carga, defendiam os lugares mais em perigo e tomavam sôbre si as maiores responsabilidades da guerra; sempre de ânimo sereno eram os últimos a depor a espada e a lança nos seus ranchos ao pé da cama, para retomá-las novamente ao primeiro grito de receio do Brasil".

E acrescentava: a metrópole nada disso via ou fingia não ver.

Com a escaramuça da Ponte de Azenha na noite de 19/20 Set de 1835 e a tomada da capital, começa efetivamente a Revolução. Chefiava-a Bento Gonçalves. De início, o movimento era essencialmente reivindicatório e visava, apenas, à deposição do Presidente da Província. Só mais tarde adquiriu outra feição, tomando como escopo a Independência do Rio Grande, sob o regime republicano.

A guerra generaliza-se. Entre os Farrapos ponteliam, além de Bento Gonçalves, os caudilhos Côrte Real, Lima e Silva, Neto, Crescêncio, Onofre Pires, Canabarro, Gomes Jardim e, entre os legalistas, Bento Manuel, Marques de Souza, Sebastião Pinto Bandeira, Silva Tavares, Manuel Luís Osório, Francisco Pedro. Nessa guerra a coragem, o denôdo e o heroísmo não constituíam apanágio de um ou de outro partido — vicejavam em ambos — já que ambos eram constituídos da mesma massa. Farrapos e Imperiais vencem e são derrotados, alternadamente, porém, a balança vai pendendo paulatinamente para o lado que possui maiores recursos, onde a estrêla de Bento Manuel brilha com mais fulgor — verdadeiro filho querido da vitória.

Pôrto Alegre foi reconquistada e não mais cairia nas mãos dos revoltosos, apesar das muitas tentativas que fizeram. Os Farrapos ganham

o importante combate de Seival e, em seguida, inesperadamente, Neto proclama a Independência do Rio Grande do Sul, que passaria a constituir uma República (11 Set 836).

- É o instante de maior perigo — o fantasma da secessão ronda pelas coxilhas sulinas. O Chefe da República Oriental, Oribe, com quem Neto tivera algum entendimento, proclamou:

“A República Rio-grandense e a do Uruguai unidas *formariam um colosso capaz de resistir à totalidade das falanges brasileiras.*”

Todavia, o combate da Ilha de Fanfa conjura o perigo e a Revolução quase termina pela perda da maior parte do Exército Republicano e pelo aprisionamento dos principais líderes, como Bento Gonçalves e Onofre Pires.

O movimento entra em colapso e terminaria, por certo, não houvesse o governo central, por motivos políticos, demitido Araújo Ribeiro e colocado em seu lugar o Brigadeiro Antero José de Brito, cuja atuação provocou sério descontentamento. O Brigadeiro passou a perseguir com atos e palavras a Bento Manuel, conduzindo esse militar aos braços da Revolução, que dessa forma ganha novo viço.

Sucedem-se diversos Presidentes na Província mas a Guerra Civil continua sempre. Felizmente, a aventura a Santa Catarina, termina em retirada, circunscrevendo o movimento ao Rio Grande.

Em 22 de agosto de 1840, o Gabinete da Maioridade concedeu anistia aos rebeldes de todo o Brasil, que deliberassem depor as armas e entregar-se à autoridade legal. Pela atuação exitante do Governo no Sul, o efeito da medida foi quase nulo e, praticamente, não diminuiu o número de insurgentes.

As tentativas de paz fracassam e a luta continuou.

Mas, chegava o começo do fim. Em 28 de setembro de 1842, o Governo Imperial nomeou a Caxias Presidente e Comandante das Armas do Rio Grande do Sul.

Além da excelência da escolha, a reunião em um só indivíduo dos poderes civil e militar possibilitava a tão necessária e não conseguida unidade de esforços.

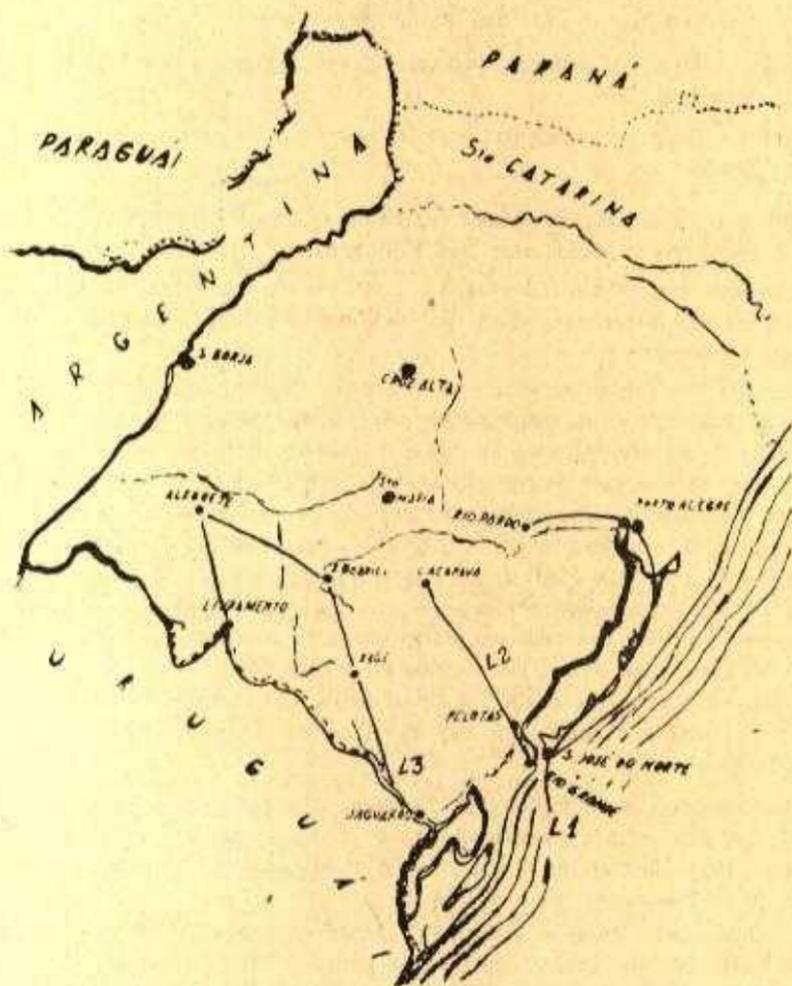
b) Caxias

Caxias assumiu suas funções em Porto Alegre no dia 9 de novembro de 1842. Encontrou as operações estacionárias. Os Revoltosos dominavam, efetivamente, um terço do território, muito embora incursionassem por toda a campanha. Pouco mais numeravam do que 3.500 homens, porém de aguerridos soldados, quase todos de Cavalaria e excelentemente montados.

Abasteciam-se, em particular, através de seus aliados uruguaios, em víveres, munições e eqüinos. Todavia, o desastre sofrido por Fruto Rivera no Arroio Grande e o consequente domínio do Uruguai por Oribe, ocorrido alguns dias depois da posse de Caxias, vieram criar-lhes sérios embaraços.

Caxias utilizou contra os Farrapos as suas próprias armas, combatendo a guerrilha com a própria guerrilha. Aos exímios guerrilheiros farrapos antepôs guerrilheiros tão ou mais hábeis.

Caxias dividiu inicialmente seu Exército em três grupamentos:



1º Cmt Caxias 2.000 homens
Região de Bagé e São Gabriel.

2º Cmt Bento Manuel	3.500 homens
Região de Alegrete.	
3º Cmt Chico Pedro	1.000 homens
Território entre os Rios Camaquã, S. Gonçalo e Jaguarão.	

Seu plano era simples e transparece das diretrizes que baixou:

"Agir com energia, tendo, porém, sempre em vista a pacificação real da Província.

Estancar tôdas as fontes de abastecimento favoráveis aos Farrroupilhas e sitas nas Repúblicas Platinas.

Tirar o máximo proveito desses recursos em favor dos legais.

Procurar aumentar sua Cavalaria até igualar a dos Rebeldes".

Por outro lado, Caxias estava ciente de sua superioridade em Infantaria e Artilharia e soube usar tais vantagens.

Não deu trégua aos adversários, continuando as operações até durante a estação invernos, coisa que nenhum dos seus antecessores pudera ou ousara fazer.

Batidos em muitos recontros, os Farrapos fogem à destruição internando-se em território uruguaio e retornando mais tarde por outros pontos da linha fronteira. Triste e constante perspectiva: emigrar e voltar em seguida para vencer ou emigrar novamente.

Era a decadência completa. Dilacerados por dissensões internas, os republicanos foram ficando em situação desesperadora. Já lhes faltavam, até, o entusiasmo e a energia que havia tantos anos os vinham sustentando. Perderam a posse permanente das cidades, depois das povoações e viram-se forçados a peregrinar pelas coxilhas, com um ou outro pouso, quase sempre pontilhados por combates desfavoráveis.

E até — derradeira desdita — o príncipe da Guerrilha, o mágico da surpresa, Canabarro, fôra por sua vez surpreendido em Porangos por Chico Pedro.

Desalentados por completo, os Farrapos começaram a solicitar a paz, a princípio sem grande sinceridade, mas, progressivamente vencidos pela marcante personalidade de Caxias e pela política leal e humana que imprimia à guerra, passaram a desejá-la.

Olharam para Rosas e vendo-o a alentar o sonho de Reconstituição do Vice-Reinado do Prata, sentiram o perigo. Afinal fala com grande sabedoria o adágio inglês: "o sangue é mais espesso do que a água" — apesar de tudo quanto se dissera e escrevera contra o Império durante a Revolução, ainda assim era a Pátria Comum a ser ameaçada pelo estrangeiro.

E aquêles bravos que haviam lutado quase 10 anos por um ideal de liberdade, depuseram as armas e aceitaram a paz num tratado honroso para ambas as partes, onde não houve vencidos, mas irmãos que se abraçavam fitando-a fronteira em perigo.

Epílogo

a) A Farroupilha como Guerra Insurrecional

Um conceito moderno de Guerra Insurrecional, aceito em suas linhas gerais NESTA CASA, define-a como:

"Tôda a sorte de conflitos armados ou terroristas (sabotagem, destruições e guerrilhas), visando ao enfraquecimento do poder militar ou o colapso do poder político de uma nação, provocados por elementos nacionais ou não, estimulados ou apoiados por potência estrangeira."

A Revolução Farroupilha, velha, de mais de um século, não se encaixa totalmente dentro dêsse conceito na parte em que êle é mais Guerra Revolucionária; todavia, podemos sentir pontos de contato na forma de execução, a guerrilha, e na inspiração e apoio estrangeiros.

A Guerra Insurrecional tem por objetivo:

"O domínio da população para a tomada do poder através da queda e dissolução do poder constituído".

Esse elemento não faltou à Revolução Farroupilha. De há longo tempo faziam os liberais ativa propaganda contra os adversários e o governo constituído, a quem chamavam retrógrados e reacionários. Os revoltosos acabaram ascendendo ao poder através da queda e dissolução do governo Fernandes Braga.

A Guerra Insurrecional necessita de condições mesológicas e de amplitude psico-emocional, propícias, que criam o "clima" ideal para sua realização. Em particular:

- Líderes atuantes, ativos e admirados.
- Contradições internas, antagonismos, desigualdades, corrupção e venalidade nos Podêres Públicos.
- Ineficiência das Forças Armadas regulares.
- Área geográfica ampla, fracamente desenvolvida, de acesso difícil e fácil defesa.
- Apoio da população civil.

A Revolução Farroupilha atendeu à maioria dêsses reclamos; o "clima" era propício porque:

- Havia líderes atuantes e admirados, como Bento Gonçalves, Gomes Jardim, David Canabarro, etc.
- Existia forte antagonismo entre liberais e caramurus. Diziam-se os primeiros vítimas de desigualdade e injustiça e

acusavam os Podêres Constituídos Provinciais de corrupção e venalidade.

- As Fôrças Armadas regulares eram numéricamente insuficientes para cobrir e dominar a Província.
- A área geográfica era ampla, com trechos demograficamente perfeitos, se bem que não fôsse difficil seu acesso nem defesa.
- Havia apoio na população civil que, em sua maior parte, era partidária dos liberais. Em consequência, existia proteção e esconderijo nos ranchos e fazendas da Campanha e apoio e convivência nas localidades.

A Guerra Insurrecional, como hoje a entendemos, carrega consigo um conteúdo ideológico, filosófico — político — doutrinário, que nos exemplos desta década apresenta um fundo marxista.

Claro está não ser possível identificar êsse "travo" na Revolução Rio-grandense.

Do conjunto das considerações que acabamos de tecer, resulta que a Revolução Farroupilha apenas por extensão poderá ser chamada de Guerra Insurrecional dentro da nomenclatura aceita na atualidade militar, uma vez que lhe faltam algumas das características marcantes dessa forma de guerra. Foi, sim, uma Guerra Irregular, onde campeou soberana, absoluta — a guerrilha.

A guerrilha é a principal arma de que lança mão a Guerra Insurrecional, sendo, aliás, uma de suas técnicas destrutivas de intimidação, juntamente com o terrorismo sistemático e com a sabotagem.

Inferiorizados em fôrça, logo após a 1ª Fase das Operações, viram-se os Farrapos na contingência de apelar para a "petite guerre", evitando o choque com as fôrças da legalidade, só o realizando em última instância ou na certeza de uma vitória compensadora.

Quando se analisa imparcialmente a Revolução, é difficil acreditar que os Farrapos julgassem possível derrotar o Império que, em confronto com êles, possuía recursos praticamente ilimitados. Poderiam, sim, visar ao seu desgaste e à desmoralização que gera o desinterêsse e a reação da opinião pública nacional. Poderiam, sim, pretender alastrar o movimento, integrando-o com outros realizados nas Províncias de Santa Catarina, S. Paulo, Bahia e no Nordeste.

Sòmente desta forma teriam "chance" de vitória.

Para atingir os objetivos a que se propunham os Farroupilhas:

- Atuaram pela multiplicação e repetição de pequenas ações de guerra, algumas bastante bem preparadas.
- Jogaram adequadamente com o terreno, com sua grande extensão e com zonas pouco densas; beneficiaram-se dos rios, dos rincões, das coxilhas, da serra e dos coitos e abrigos fornecidos pelos estancieros simpatizantes e correligionários.
- Jamais se prenderam demasiadamente a objetivos — terreno, abandonando sucessivamente as 4 capitais que tiveram (Pôrto Alegre, Piratini, Caçapava e Alegrete). Falharam

apenas com relação à 1ª que, teimosamente, disputaram aos Imperiais, sofrendo, com isso, enorme desgaste.

- Na Campanha, justamente, foi onde obtiveram seus maiores triunfos. Entenderam o sentido pleno da Guerrilha. Essa guerrilha “que é a estratégia do 1 contra 10, a tática do 10 contra 1 e a ação psicológica do 1 que corresponde a 100.” Isso comporta o segredo e a minúcia na concepção, a informação rápida e precisa através de vasta rede de “bombairos” e informantes, a rapidez, a brutalidade e a surpresa na execução e a variedade nas táticas, que desbarata as reações.
- Por viverem em seu próprio ambiente, reuniam-se ou desmobilizavam-se com grande rapidez. Como válvula de escape, tinham a Banda Oriental para onde fugiam, quando necessário, com a complacência cúmplice dos uruguaios.
- Como todos os guerrilheiros tiveram o seu “Calcanhar de Aquiles” no apoio logístico e essa situação piorou quando Oribe assumiu o controle do Uruguai.

Mao Tze Tung, considerado como uma das maiores autoridades dessa forma de guerra, em seu trabalho “A Estratégia da Guerra Revolucionária na China”, aconselha:

- “— Se o inimigo avança, nós nos retiramos;
- Se o inimigo se entrincheira, nós o inquietamos;
- Se o inimigo está esgotado, nós o atacamos;
- Se o inimigo se retira, nós o perseguimos.”

Ora, há mais de uma centúria atrás era essa, precisamente essa, a forma de proceder dos Farrapos, diante das Forças legais.

- Recuaram durante quase toda a guerra porque os Imperiais se apresentavam mais fortes.
- Cercaram e inquietaram os Legais entrincheirados, por diversas vezes, em Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, São José do Norte, Jaguarão, etc.
- Atacaram os Imperiais quando estes estavam esgotados. Como exemplo, temos Bento Gonçalves lançando-se sobre Manuel Jorge, quando este, em condições precárias, procurando esquivar-se ao combate, efetuava a travessia do Taquari.
- Perseguiram os Imperiais, quando estes se retiraram. São exemplos as perseguições realizadas por Teixeira contra os Imperiais rumo ao norte, até o morro dos Cavalos e após a morte do Brigadeiro Cunha, até Lages, tudo em Santa Catarina.

Finalmente, é fácil verificar o cabal e completo emprêgo naqueles tempos de 1835 a 1845, pelos Farrapos, das Recomendações hoje sistematizadas pela Força Revolucionária do Vietnam do Norte, pois:

- Combateram com inteligência (empregando ardis, fintas, emboscadas, etc.)

- Conservaram, até o comando de Caxias, a liberdade de movimentos.
- Demonstraram em tôdas as oportunidades acentuado espírito ofensivo.
- Decidiram com presteza.
- Guardaram segredo, visando à obtenção da surpresa.
- Agiram sempre com grande rapidez e mobilidade.

b) *Caxias, a parada e a resposta à Insurreição*

Caxias foi o instrumento que a Divina Providência utilizou para a pacificação da Nação Brasileira. Foi um predestinado, um desses varões ilustres, de que nos fala Plutarco, que só de raro em raro surgem na vida dos Povos. Foi o anti-insurreição, o homem preclaro que teve o dom, a sublime faculdade de saber Pacificar. Caxias pacificava pelas armas e pela conciliação.

Vejamo-lo no Rio Grande:

Pelas armas quebrou o encanto das vitórias Farrapas, pela política conciliadora consolidou seu trabalho pela amizade e pela gratidão. É difícil encontrar na história do bravo Estado, outro homem que tanta influência tivesse adquirido e tantas amizades sinceras houvesse conseguido.

E a grande prova está no fato de que em 1851 levou na Cruzada contra Rosas os chefes legais que haviam sido seus companheiros e os chefes farrapos a quem recentemente vencera. No Paraguai, muitos deles haveriam de morrer combatendo sob suas ordens.

No dia seguinte ao término dessa revolução sangrenta, não havia uma repriminação, uma represália, uma vingança que perturbasse os regozijos populares.

"Sucedendo a 9 presidentes e a 8 Generais-em-Chefe que ali tinham ido perder o ouropel das falsas glórias militares, ou, alguns, destruir o renome de capacidade política, soube evitar o domínio das parcialidades, e buscar auxiliares reais, sem lhes indagar as simpatias ou antipatias."

Considerando perda lamentável todo o sangue que corria nos combates fratricidas, procurava suavizar a guerra ao máximo. Vencia os rebeldes. Desarmava-os e pela benevolência os atraía para suas próprias fileiras ou os mandava para casa tranqüilos. Assim diminuía as forças revolucionárias, tornava possível o esquecimento das paixões políticas e cimentava a real união dos Rio-grandenses.

Entre suas tropas estabeleceu como dogma de severa disciplina o respeito à propriedade rebelde e a consideração para com suas famílias.

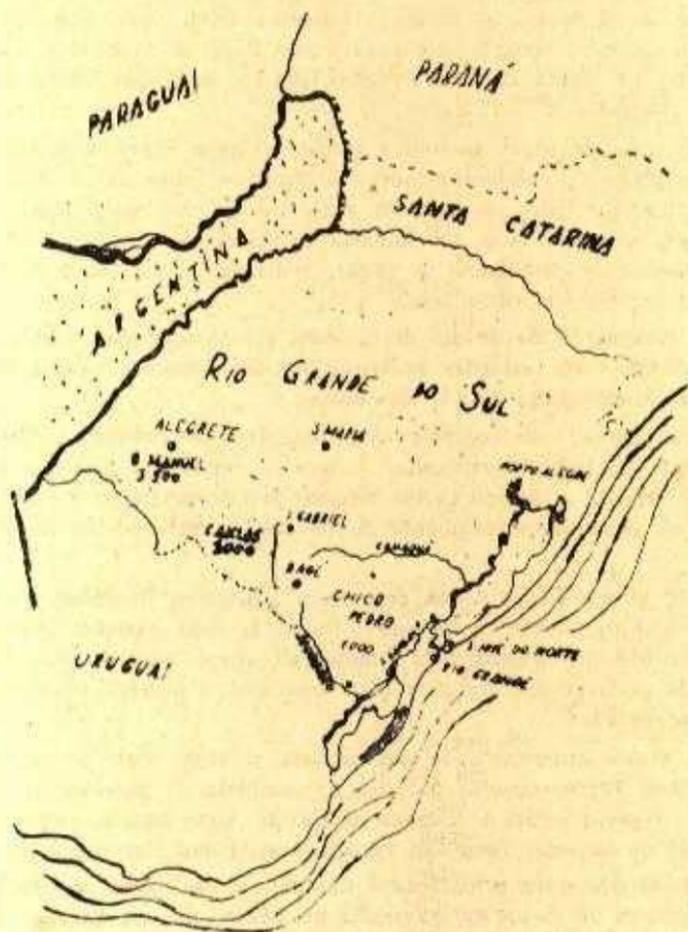
A análise da atuação de Caxias no Rio Grande revela um imenso tino militar: providenciou para que os revoltosos não pudessem mais utilizar-se dos principais centros populosos da Província, dotando-os de guarnições de segurança; dividiu sua força em destacamentos e procurou ativamente os adversários. Logrou recalca-los sobre a fronteira. A sua

estratégia (chamemo-la assim) foi a mais adequada à circunstância e, no domínio tático, logo percebeu a vantagem de proporcionar à cavalaria meios de fogo mais poderosos que lhe facultassem, ao lado da velocidade, maior eficiência no ataque e na defensiva.

Em 1846, publicou-se em Pôrto Alegre um magnífico folheto intitulado "Reflexões sôbre o Generalato do Conde de Caxias", de autor anônimo que, todavia, revela profundos conhecimentos militares.

São dêle as seguintes palavras:

"Cabe exclusivamente ao Conde a feliz lembrança dos pontos matematicamente dispostos e fortificados. Sem êles tôdas as forças do Império seriam insuficientes para domar a rebelião.



Passa depois a referir as linhas em que se acredita que êle se esteou "aproveitando alguns pontos, que a necessidade pura e simples fêz fortificar por seus antecessores."

A primeira linha "princiava em São José do Norte, tocava em Pôrto Alegre e correndo ao longo da margem da Lagoa dos Patos, Guaiaba e esquerda do Jacuí, ia terminar em Rio Pardo".

Mais tarde, quando lhe foi dado dispor de um maior número de baionetas, traçou êle a sua segunda linha que, partindo do Rio Grande vinha terminar em Caçapava, grande depósito no centro da Campanha. Foi também nessa época que as fortificações das cidades do Rio Grande, bem como as da capital, receberam tôda a perfeição ou desenvolvimento que a estreiteza do tempo e as circunstâncias permitiam dar-lhes".

"Conquistada, finalmente, por meio de uma severa disciplina, e pela mais bem combinada estratégia, uma superioridade decisiva sôbre o seu inimigo, estabelecera o Conde a terceira linha, que, principiando no Serrito, sôbre o Jaguarão, continuava por Bagé, S. Gabriel e Alegrete, e ia findar em Santa Ana do Uruguai, pontos êsses que foram sucessivamente ocupados e fortificados.

Era esta de tôdas as linhas a mais extensa e punha remate a êste famoso plano de campanha, que desconcertou todos os projetos do inimigo, tirou-lhe todos os recursos, e fêz-lhe sumamente perigosos ou impossíveis todos os seus movimentos estratégicos e ia, insensivelmente, conduzindo-o à impotência de obrar, à destruição de todos os meios de resistência, e à sua ruína total."

À retaguarda da direita desta linha foram ocupadas, por guarnições permanentes, três estações militares importantíssimas: Santa Maria da Bôca do Monte, Cruz Alta e São Borja.

Sem aceitar por completo êsse exagêro de atribuir a Caxias uma estratégia de linhas fortificadas, o que se verifica é que êle organizou defensivamente e ocupou certos núcleos populacionais na Campanha, negando-os ao reaprovisionamento do Inimigo e servindo-lhe de pontos de apoio.

Mas aí terminava a sua defensiva; a decisão procurou-a com suas tropas sempre alertas e móveis e com os seus exímios guerrilheiros. Assumiu atitude ofensiva pela "manobra" isto é "coordenando movimentos cuja perfeita convergência fazia com que o inimigo cedesse a pressões inesperadas".

Já vimos anteriormente que a cada esforço, quer de um quer do outro lado, seguia-se uma paralisação completa de movimento. Esse fenômeno repetiu-se até a chegada de Caxias. Com isso, os Imperiais, possuidores de maiores recursos, faziam o jôgo dos Farroupilhas.

Caxias deu nova orientação à Campanha, realizando aquilo que hoje chamaríamos de Ação Antiguerrilha ou dentro de um quadro mais amplo: Parada e Resposta à Guerra Insurrecional.

Caxias, que por instinto, por formação, por sentimento, por vocação, estava fadado a ser mestre da Guerra Regular e Clássica, adaptou-se, mercê de sua invulgar competência profissional, como já o fizera contra os Balaíos, às condições especiais que a guerra oferecia no Rio Grande do Sul.

Façamos, por um artifício sempre permitido aos conferencistas, um confronto entre alguns princípios atuais, aceitos pelas Forças Armadas e dos mais adiantados Povos do momento, como os mais adequados à ação contraguerrilha e a ação específica de Caxias, face a guerrilha na Revolução Farrapa.

— PRINCÍPIO:

"O poder legal não pode dar qualquer indicio de fraqueza em relação ao movimento insurrecional.

Torna-se indispensável uma vontade firme e perseverante de vencer, atuando com determinação no aniquilamento da insurreição."

Foi essa precisamente a orientação seguida por Caxias e essas idéias estão contidas no seu Plano de Campanha — firmando o principio da autoridade, caracterizando a legalidade, mostrando-se forte embora humano e justo sem ser demasiadamente severo. Teve em tôdas as oportunidades uma vontade firme e perseverante, dando continuidade às operações, independente das estações climáticas, das condições militares ou dos interesses pessoais.

Suas ações e decisões sempre tiveram, como objetivo final, o sufocamento da insurreição.

— PRINCÍPIO:

"A vitória contra o movimento insurrecional só pode ser completa com a destruição do organismo político e administrativo insurrecional".

Caxias cuidou de tirar aos revoltosos sua organização estrutural, dificultando-lhes o exercício daquilo que, embora caricatural, êles chamavam de Governo Republicano. Apossou-se de suas cidades, conquistou sucessivamente tôdas as capitais que erigiram, transformando-os em bandos sem apoio ou ligação. Dessa forma, negou-lhes o direito de ser o que julgaram um dia querer ser — País republicano.

— PRINCÍPIO:

"É imprescindível conquistar a população civil e conservar sua adesão moral."

Caxias procurou pacificar não apenas por palavras vazias de qualquer sentido prático, senão respeitando as populações civis e suas propriedades privadas. Determinou o pronto pagamento de tudo quanto suas forças consumiam; impediu a rapinagem, a crueldade e a vingança

que fazem o homem desmerecer sua condição humana. Passou a dar quartel aos vencidos, desarmando-os e restituindo-os à liberdade sob palavra de honra de que não tornariam à luta. Agradecida, a parte da população que era adversa ao governo foi ficando cada vez mais reduzida, aderindo senão ao Império pelo menos a Caxias. Terminou por conquistar o respeito absoluto e a profunda admiração por parte até das forças inimigas.

— PRINCÍPIO:

"Tôda a região onde há insurreição deve ser isolada do exterior, moral e materialmente."

Caxias estabeleceu ligação com o Governo Provincial de Santa Catarina, a fim de impedir qualquer contato dos revoltosos com o norte. Dominou, por completo, a navegação das grandes lagoas e em particular a entrada da Lagoa dos Patos e, conseqüentemente, interrompeu qualquer comunicação através do Atlântico.

Atribuiu aos seus 3 grupamentos de forças anteriormente enunciados (o de Bento Manuel, o de Francisco Pedro e o diretamente sob suas ordens) a missão de isolar a fronteira oriental. Foi paulatinamente diminuindo o número de portas de escape e exercendo continua e forte pressão sobre os republicanos.

— PRINCÍPIO:

"Para destruir as forças guerrilheiras não basta vencê-las no campo de batalha. Torna-se mister, também, ocupar as bases de onde elas retiram os recursos humanos e materiais."

Esse princípio, já naquele tempo, era atendido, em sua plenitude, por Caxias. Essa compreensão está presente na distribuição por todo o território do Rio Grande de forças armadas do poder legal para, em estreita ligação com a população simpatizante, imporem sua vontade aos Farrroupilhas. Nada mais nada menos do que aquilo que hoje recebe o nome de Quadriculagem.

Essa Quadriculagem estava materializada, quer nos Pontos de Apoio, quer nas Linhas Fortificadas.

— PRINCÍPIO:

"O melhor principio para combater as guerrilhas consiste em lançar sobre elas outras guerrilhas que ameacem constantemente os bandos inimigos, cercando-os e esgotando-os."

Caxias determinou, por parte de suas forças, a adoção do processo de combate das guerrilhas semelhante ao utilizado pelos Farrapos. Os eximios guerrilheiros, que foram Canabarro, Teixeira e Neto, tiveram a

enfrentá-los mestres guerrilheiros do valor de Bento Manuel, Chico Pedro e Juca Ourives. Os rebeldes foram sendo progressivamente acudados, cercados e levados ao desespero.

— PRINCÍPIO:

"A conquista definitiva da população pelo poder legal será conseguida pela onipresença das forças da ordem."

Caxias sentiu que urgia vencer os Farrapos, não só no campo militar como nos psicológico, econômico, cultural e social. Para isso era indispensável estar presente em toda a parte, o que demandaria grandes efetivos e vastos recursos — essas limitações foram óbices que ele soube contornar.

MEUS SENHORES:

Caxias foi, fora de qualquer dúvida, um homem mais evoluído do que a elite militar do seu tempo. Comprovam-no sua extraordinária clareza, sua visão profunda: todos aqueles pontos fundamentais que hodiernamente enfocam as questões da Antiinsurreição e Antiguerrilha mereceram de sua parte, no 2º quartel do Século XIX, as respostas e soluções adequadas.

c) *Exaltação*

Caxias foi, repetimos, um predestinado.

"O seu gênio militar, irmanado ao sentimento de comunhão nacional, advertiu-lhe desde logo que a maquinação externa poderia ser facilmente combatida no ânimo Rio-grandense, de modo emocional e evocativo, a que a alma gaúcha se rende e prosterna na mais rápida vibração de solidariedade e de sacrifício.

A Divina Providência fizera-o, como ele mesmo se compenetrara, de ser "um instrumento de paz para a terra em que nasceu."

Sua vida é ação militar, fundida ao entendimento político, banhando de efusão as massas desgarradas de seus compatriotas, logo a êle rendidas pela atração desse magnetismo que se irradia como dádiva celestial, da alma dos homens a quem Deus confiou alguns dos seus grandes encargos.

Ao fundo dessa grande sintetização da força robustecendo a fraternidade, e da espada ajudando a política, paira a figura da reflexão. Po-

der-se-ia revesti-la daquele planejamento clássico de Palas, protetora de Atenas, fulgurando ao esplendor do elmo, das cintilantes armas e à luz prudente da razão.

E diante dessa alegoria, são os homens da maturidade convocados a se postarem na atitude de concentração interior de que decorrem os fastos da consciência, a compenetração das virtudes e dos erros e a inspiração magnânima e corajosa de perseverar na tradição, ajudando-o em continuidade e sabedoria."

Nesta homenagem singela, como singelo sói ser o preto de soldados ao seu Soldado maior, pelo milagre de nossa evocação ao passado, sentimos uma centelha empolgar nossos corações e enchê-los de Fé e de Inspiração. Caxias é essa Fé. Caxias é essa Inspiração. Fé no futuro três vêzes brilhante que, por certo, o Criador nos reserva. Inspiração para a longa jornada que ainda é preciso percorrer para alcançar êsse destino alcandorado.

Existe, na imensidão espacial, um ponto a que os astrônomos denominam Apex, para onde o Sol parece caminhar, inexoravelmente, arrasando, consigo, a família planetária.

Caxias é o Sol na História Pátria, a iluminar e a conduzir, com o seu exemplo, rumo ao Apex da Felicidade, a Imensa Nação Brasileira.

BIBLIOGRAFIA

1. *A Revolução Farroupilha* — Tasso Fragoso.
2. *História da Grande Revolução* — Alfredo Varela.
3. *A Revolução Farroupilha* — Walter Spalding.
4. *Caxias* — E. Vilhena de Moraes.
5. *Reflexões sobre a Guerra Insurrecional* — General Luiz Augusto da Silveira.
6. *Caxias numa síntese emocional* — Georgino Avelino.
7. N. 150, 151 e 152 e Especial (Nov e Dez 1960) do MENSARIO DE CULTURA MILITAR — Em particular os artigos do Ten-Cel Carlos de M. Matos e Maj Arídio Brasil.
8. *Revista da ECEME* — N. 13 (Jun 1960).
9. *Caxias* (Rev. Clube Militar) — Ten-Cel Flamarion B. Lima.